

# **Para Ler a Cidade: Narrativas Audiovisuais e Dinâmicas Urbanas**

**Rodolfo S. Martins**

**Resumo:** Este resumo discute questões referentes ao emprego da linguagem audiovisual como metodologia de pesquisa para a Arquitetura e Urbanismo. Essas reflexões estão organizadas em três breves partes: Práticas audiovisuais como metodologia de pesquisa; Experimentação Audiovisual e Reflexões Finais.

**Palavras-chave:** Leituras urbanas; Documentário; Audiovisual; Espaço público

## **Práticas audiovisuais como metodologia de pesquisa**

Desde a sua origem, as práticas cinematográficas são marcadas pelo caráter documental. As Primeiras exibições feitas pelos irmãos Lumière (1895), precursores do cinema primitivo, já constituam uma representação do cotidiano Parisiense da época, com forte vínculo com a realidade retratada. Por volta de 1920, os trabalhos dos cineastas Robert Flaherty (1922) e de Dziga Vertov (1929) serão responsáveis por finalmente constituir o Documentário como gênero cinematográfico ao construir uma análise sobre suas representações da realidade, que caracterizam o surgimento da “voz” do Documentarista (NICHOLS, 2010). A partir destes trabalhos, o novo gênero cinematográfico vai se difundir, ampliando suas práticas e encontrando novas possibilidades.

Paralelo ao desenvolvimento do cinema documentário, desenvolveu-se também o interesse acadêmico pelas práticas do gênero como ferramentas de pesquisa. Nomes como Gregory Bateson e Margaret Mead (1942) nos EUA, e posteriormente Jean Rouch (1948) na França, serão alguns dos pioneiros a integrar práticas fílmicas como metodologia de pesquisa antropológica, dando início a uma tradição de cinema etnográfico (RAMOS; SERAFIM, 2007). Por fim, em 1998 Claudine de France, vai finalmente formular as bases conceituais para uma nova disciplina: a Antropologia Fílmica, que vem a consagrar as ferramentas

audiovisuais como metodologia acadêmica, popularizando-se dentro das Ciências Humanas (FRAGA, 2002).

Entretanto, dentro da Arquitetura e Urbanismo, essas ferramentas metodológicas ainda são pouco exploradas, apesar grande produção cinematográfica existente, dedicada a olhar para a cidade. O movimento constante de indivíduos, mercadorias e narrativas distintas que caracterizaram o espaço urbano atraiu o olhar dos cineastas desde o cinema primitivo, contudo, o gênero documentário constrói um olhar distinto para o fenômeno urbano ao se desviar das grandes narrativas espetacularizadas, buscando os sujeitos a margem e a cidade que foge às câmeras (COMOLLI,2008).

### **Experimentação Audiovisual**

Com a perspectiva de aproximar Arquitetura e Urbanismo à Prática do Cinema Documentário, o projeto adotou como metodologia um conjunto de ações importantes para compreensão dos distintos momentos da produção audiovisual, como produções experimentais (contemplando momentos de captura, sistematização, edição e avaliação dos produtos), espaços de exibição e debate, assim como momentos de revisão bibliográfica e filmográfica de fontes secundárias. Essas ações buscaram contemplar questões práticas e teóricas do emprego do Audiovisual como Metodologia, desenvolvendo-se de maneira paralela.

O modelo de produções experimentais foi baseado em experiências anteriores do Nomads.usp, como projeto Territórios Híbridos ou o Frontier Zones, que trazem como referência o OuLiPo, ou “Ouvroir de Littérature Potentielle”, um ateliê de produções literárias (que posteriormente inspirou outros ateliês de Música, Grafismo ou mesmo Arquitetura), fundado conjuntamente por François Le Lionnais e Raymond Queneau, que explora possibilidades formais da literatura através de uma produção que estimule e oriente o exercício através de algumas regras ou restrições. Assim, essas produções não visam uma obra em si, mas a elaboração de ideias ou possíveis pontos de partida, explorando mais a forma do que seu conteúdo (JAMES, 2006 apud TRAMONTANO, 2016).

Esse modelo de produção desenvolvido pelo grupo prioriza métodos participativos de captura, armazenamento e edição, criando modos de trabalho mais horizontais que permitam trocas e diálogos entre diferentes membros do grupo de pesquisa, ao mesmo passo que estimula o envolvimento desses distintos membros. Além disso, os métodos de construção e sistematização do embasamento teórico, proporcionaram como resultado espaços de exibição e debate, como o Cine Nomads, que permitiram não só a reflexão de elementos da

filmografia, como a avaliação de experimentos passados do grupo de pesquisa. Outro produto da revisão teórica do projeto foi uma base de dados reunindo análises das referências cinematográficas, possibilitando o diálogo entre essas duas etapas de desenvolvimento respectivamente teóricas e práticas.

## **Reflexões Finais**

As atividades desenvolvidas no primeiro ano pesquisa resultaram em produtos relevantes ao propor distintas abordagens possíveis para o emprego do audiovisual na construção de leituras urbanas, trazendo enfoque do filme documental e das técnicas de edição. Espera-se nesta nova etapa do projeto aproximar ainda mais teoria e prática, buscando enquadrar as experiências de edição aos debates teóricos que têm embasado o trabalho e trazendo o objeto de estudo para este processo de edição, tornando-o mais participativo e inclusivo.

## **Referências**

- COMOLLI, J. L. A cidade filmada. In: COMOLLI, J. L. (Ed.). Ver e poder – A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 179–185.
- FLAHERTY, D. R. Nanook do norte. Produção: Robert Flaherty. Roteiro: Robert Flaherty. Intérpretes: Allakariallak, Nyla e Allee. Estados Unidos: Pathé Exchange, v. 1, 1922.
- FRAGA, E. K. C. Gestos e palavras: A investigação do sensível no registro fílmico. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 24, 2002.
- FRANCE, C. D. Image et commentaire en anthropologie filmique. Glasnik, Bulletin of Slovène Ethnological Society, v. 28, n. 1, p. 40–49, 1988.
- NICHOLS, B. Em que os documentários diferem dos outros tipos de filme? In: NICHOLS, B. (Ed.). Como começou o cinema documentário? Campinas: 5a ed. Papirus, 2010. p. 116–134.
- RAMOS, N.; SERAFIM, J. F. Cinema documentário, pesquisa e método desafios para os estudos interdisciplinares. Revista Contracampo, v. 2, n. 17, p. 163–178, 2007.
- TRAMONTANO, M. C. Espécies de espaços: notas sobre um exercício potencial. Vírus, v. 2016, n. 12, 2016. [//jornal.usp.br/atualidades/manifestacao-15-de-maio/](http://jornal.usp.br/atualidades/manifestacao-15-de-maio/). Citado na página 41.
- VERTOV, D. D. O homem com a câmera. Montagem: Dziga Vertov e Elizaveta Svilova, v. 80, 1929.

